

Destaque Serviço Nacional de Saúde

Oito em cada dez médicos dentistas dos centros de saúde trabalham a recibos verdes

Pelo menos 120 médicos, num universo de 145, trabalham em situações “precárias”, “alguns há mais de 30 anos”. Governo quer abrir mais 130 consultórios dentários nos centros de saúde





Sofia Neves Texto
Gabriela Pedro Ilustrações

A esmagadora maioria dos médicos dentistas que trabalham nos centros de saúde, cerca de 80%, trabalha a recibos verdes e apenas 20% estão já integrados nos quadros do Estado como técnicos superiores do regime geral, números fornecidos ao PÚBLICO pela Associação Portuguesa dos Médicos Dentistas do Serviço Público (Apomed-SP) – que há vários anos expõe junto do Ministério da Saúde e da Direcção-Geral da Saúde as condições de trabalho a que estes profissionais estão sujeitos – e pela Ordem dos Médicos Dentistas. Em questão estão mais de 120 médicos em situações “precárias”, “alguns há mais de 30 anos”, como refere o bastonário Manuel Pavão.

O PÚBLICO tentou perceber, junto do Ministério da Saúde, se estes números são também aqueles que a tutela tem, mas não recebeu uma resposta concreta. Sobre os profissionais que asseguram os cuidados de saúde oral no SNS o ministério diz apenas que eram, até Julho, 311, entre “médicos dentistas, médicos especialistas em estomatologia, e em cirurgia maxilo-facial, higienistas orais e técnicos de prótese dentária”, sem explicitar quantos existem em cada uma destas categorias.

A precariedade é ainda mais evidente, se olharmos apenas para os

dados dos dentistas que exercem há menos de nove anos, ou seja, os médicos mais jovens.

Segundo um inquérito deste ano feito pela Ordem dos Médicos Dentistas, 89,3% dos profissionais do sector público encontram-se contratados a recibos verdes, em que quase metade (48,9%) está contratada através de empresas intermediárias. “Apenas 10,6% dos profissionais estão integrados numa carreira: técnico superior do regime geral, não específica para a execução de actos médicos”, lê-se no relatório do inquérito.

Governo quer um consultório por concelho

De acordo com o plano traçado entre 2016 e 2018, no ambicioso projecto *Saúde Oral para Todos*, Portugal teria, em 2020, uma maior cobertura dos cuidados de saúde oral no SNS. Isto implicaria não só mais gabinetes em todo o território continental, mas também mais dentistas para os

preencher. A meta era abrir pelo menos 278 consultórios – um por cada autarquia – abrangendo a totalidade da população do ponto de vista geográfico. E apesar de o número total de consultórios ter mais do que duplicado desde 2018 (altura em que existiam 63 gabinetes), quase nenhuma das projecções se verifica agora, em 2022.

“Com uma pandemia pelo meio, pouco ou nada mudou. O Governo de António Costa introduziu esta questão e usou desde o início a saúde oral como bandeira eleitoral, mas depois a priorização ficou muito arrefecida. Há muitas lacunas de base e uma delas é a carreira. Enquanto ela não existir, há um grande problema: a fraca atractividade dos médicos dentistas para o SNS”, diz o bastonário, Miguel Pavão.

Com a saída do ministro Adalberto Campos Fernandes e do secretário de Estado Fernando Araújo do Ministério da Saúde, e a entrada de Marta Temido, “a situação arrefeceu”, diz.

De acordo com o ministério, Portugal tem agora 140 gabinetes de medicina dentária distribuídos por 49 agrupamentos de centros de saúde (ACES) e unidades locais de saúde, que “garantem a cobertura da população residente em mais de 80% dos concelhos”. A tutela também diz que, no final de 2021, “mais de 90% dos centros de saúde estavam dotados de gabinete de medicina dentária, sendo a cobertura total nas regiões norte, Lisboa e Vale do Tejo e Algarve”.

O bastonário afirma que em algumas regiões, como na ARS-Norte, tem existido “um esforço para colmatar lacunas”, mas tal não acontece em todo o país. “A ARS-Algarve só tem 14 gabinetes de medicina dentária abertos e nos primeiros seis meses de 2021 houve uma troca de quase 12 médicos dentistas. Tanta rotatividade não ajuda a um aspecto fundamental que é criar uma relação duradoura com os doentes”, aponta.

Há vários anos que a ordem apela à criação de uma carreira para os dentistas no SNS, lembrando que o processo já foi aprovado pelo Ministério da Saúde, mas que aguarda há quase um ano pelas Finanças. Miguel Pavão diz ainda que, para resolver os problemas “estruturais” da medicina dentária no SNS, será necessária uma “visão a longo prazo” e não “medidas soltas que criam uma manta de retalhos”.

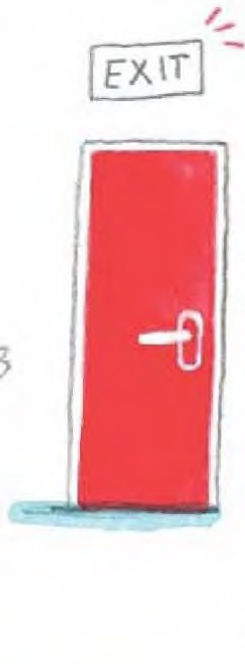
Segundo explica aos PÚBLICO o presidente da Apomed, Manuel Nunes, a falta de uma carreira para estes profissionais faz com que todos, mesmo os que já estão integrados nos quadros dos serviços, estejam “a trabalhar ilegalmente no SNS”. “Estamos integrados na carreira geral de técnicos superiores ou como prestadores de serviços, através de empresas de trabalho temporário. É uma carreira meramente administrativa que nada tem que ver com o nosso



PAULO PIMENTA



NELSON GARRIDO



140

é o número de gabinetes de medicina dentária distribuídos por 49 agrupamentos de centros de saúde

145

é, nas conta da Associação de Médicos Dentistas e da Ordem, o número de médicos dentistas no SNS

Restta pouca atractividade para querer trabalhar no SNS. O atractivo é ser louco

José Frias Bulhosa
Dentista do SNS

São pessoas que nunca vieram ao dentista e é muito gratificante ver uma evolução

Bárbara Barbosa
Dentista no SNS

trabalho”, diz o médico dentista que há mais tempo trabalha no SNS, em Castelo Branco.

José Frias Bulhosa, também dentista do SNS e dirigente da Apomed, acrescenta que os médicos dentistas que não estão ainda integrados nos quadros do Estado são “maioritariamente jovens” que “vivem sempre no risco de não verem os seus contratos renovados, mesmo que façam um óptimo trabalho”. “Com tudo isto posto em cima da mesa, resta pouca atractividade para querer trabalhar no SNS enquanto médico dentista. O atractivo é ser louco.”

Há quatro décadas, a medicina dentária ficou de fora do SNS, mas nos últimos anos foram dados alguns passos, entre os quais o cheque-dentista, para melhorar o acesso a cuidados de saúde oral nos centros de saúde. Entre 2016 e 2021 foram feitas 345 mil consultas dentárias no SNS, um valor que fica muito atrás das 451 mil que estavam projectadas só para 2021. O ministério “reconhece a mais-valia destes profissionais” e diz prever a sua integração no SNS. E lembra que o Governo traçou como objectivo no Plano de Recuperação e Resiliência a criação de mais 130 gabinetes de saúde oral nos centros de saúde até 2026.



Destaque Serviço Nacional de Saúde

Precariedade

A receber cinco euros à hora, sem subsídio de férias, nem de Natal, é difícil não fugir para o privado

Sofia Neves

São maioritariamente jovens, não têm direito a férias, nem subsídios e chegam a ter salários de pouco mais de 700 euros

“Entre, entre, dona Marta”, diz uma voz de dentro do consultório. Esta utente já conhece os cantos à casa. E isso nota-se pelo à-vontade com que chega ao pequeno consultório dentário, cumprimenta a médica e a assistente que a esperam com um sorriso e se senta na cadeira já preparada para a receber.

Pouco passa das 9h e Marta já é a terceira utente a cruzar as portas do consultório de Saúde Oral do Centro de Saúde de Águas Santas, na Maia, um dos 140 que existem no Serviço Nacional de Saúde (SNS). Os primeiros minutos da consulta são passados a falar das dores de dentes, do trabalho e das férias que estão a chegar. Há mais de um ano que Marta Cruz é tratada por Bárbara Barbosa, médica dentista, e Andreia Pinto, assistente de medicina oral. Apesar de ser beneficiária da ADSE e de “ter possibilidade” de ir a um consultório privado, “não troca por nada” o que encontrou neste centro de saúde.

“Isto era necessário em todo o lado. Há tantas pessoas que não têm dinheiro para ir ao dentista. Uma limpeza é muito cara, e os tratamentos nem se fala”, diz Marta Cruz, já despatchada da consulta e com novo encontro marcado para dali a um mês.

Bárbara Barbosa, de 25 anos, teve uma proposta para trabalhar neste centro de saúde depois de fazer um estágio no sector privado durante um ano. “Não me sentia realizada no privado porque é um ambiente completamente diferente. Aqui as pessoas agradecem muito e nós fazemos tudo o que podemos por elas. São pessoas que nunca vieram ao dentista e é muito gratificante ver uma evolução.”

A jovem faz parte do grupo de dentistas que trabalham a recibos verdes no Serviço Nacional de Saúde (ver texto nas páginas anteriores). Foi contratada directamente pela Administração Regional de Saúde (ARS) do Norte há mais de um ano, mas ainda não tem um contrato. Sobre as condições de trabalho, é parca nas respostas: “Infelizmente, estamos a recibos verdes, mas no

futuro nunca se sabe. Neste momento, é aqui que eu me sinto realizada e é aqui que eu quero estar.”

Margarida foi para o privado
Mas se há quem não se queira demorar muito no tema, há também quem não se cansa de falar das condições oferecidas aos médicos dentistas, principalmente aos que acabam de entrar na profissão. Até porque foram a “falta de direitos” e o excesso de deveres” que fizeram com que Margarida Borges, de 26 anos, saísse de um posto de trabalho em tudo semelhante ao de Bárbara Barbosa e migrasse para o sector privado.

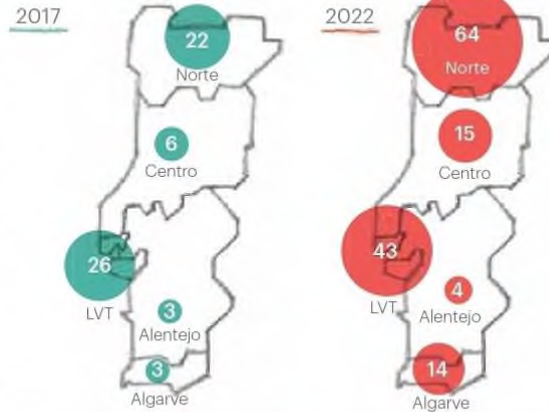
Pouco depois de terminar o curso, Margarida já tinha recebido uma proposta para exercer numa clínica, mas trabalhar no SNS era algo muito “ansiado”.

“Sabia que no SNS havia um grande volume de pacientes. Fiquei muito expectante quando surgiu essa oportunidade. Abracei as coisas com muita intensidade”, conta. “Para trabalhar no centro de saúde, acho que o médico dentista tem de ter um perfil específico. Atendemos pessoas com muitas necessidades e carências económicas, pessoas com 40 e 50 anos que nunca tiveram uma consulta. E isso é muito desafiante, há um ritmo e estilo de trabalho um bocadinho diferente dos do sector privado.”

Mas ao fim de dois anos, não se sentia recompensada, estava “estagnada”.

“Primeiro, tinha um contrato precário, por recibos verdes. Era paga à hora, sem qualquer tipo de garantia de um futuro. Sabia que durante o

Número de consultórios dentários no SNS



Fonte: Ministério da Saúde

Infografia | PÚBLIC



tempo do contrato estava segura, mas não sabia o que aconteceria depois disso.

Não tinha perspectiva de crescimento de carreira”, descreve. Também não tinha subsídios de Natal e de férias: se não trabalhasse, não recebia. “Havia meses, como em Dezembro, em que o meu ordenado era muito mais baixo porque existiam muitos feriados. Por mais que quisesse trabalhar e agendar mais consultas durante esse mês, não podia porque o centro de saúde estava fechado.”

“Havia meses, como em Dezembro, em que o meu ordenado era muito mais baixo porque existiam muitos feriados. Sem trabalhar, não recebia

Margarida Borges
Dentista



Apesar destas condições, Margarida, que foi contratada directamente pela Administração Regional de Saúde (ARS) do Norte, diz que há médicos dentistas a serem recrutados por empresas de contratação temporária em situações (ainda) mais precárias. O bastonário da Ordem dos Dentistas corrobora a afirmação: “Um médico dentista contratado por uma empresa destas recebe cerca de cinco euros à hora. Qual é o médico que está disponível a trabalhar nestas condições, quando não tem direito a férias e não cria nenhum vínculo com o centro de saúde? É um trabalho precário”, critica Miguel Pavão.

José Frias Vilaça, da Associação Portuguesa dos Médicos Dentistas do Serviço Público (Apomed-SP), denuncia dezenas de situações destas no Alentejo, em Lisboa e Vale do Tejo e no Centro. “Neste casos, além das disparidades entre contratos de trabalhadores que fazem rigorosamente a mesma coisa, ainda temos um factor mais estranho: estas empresas servem apenas de intermediárias e ganham mais do que o médico dentista. Se o Estado não permite às empresas particulares terem situações de falsos recibos verdes, porque é que promove isto nos seus serviços?”

Consultas em menos tempo

No centro de saúde onde Margarida Borges trabalhava, havia uma “enorme pressão” para atender um elevado número de utentes por dia. “O tempo de consulta era muito apertado e muitas vezes nem era suficiente para o tratamento que precisávamos. Semanalmente era exigido que atingíssemos certos números. Muitas vezes, as pessoas faltavam a algumas consultas e a responsabilidade era posta do nosso lado.”

Além disso, a burocracia para realizar uma simples consulta era muita, o que cria números nas listas de espera que “nem sempre correspondiam à realidade”.

Para um utente ter uma consulta dentária no Serviço Nacional de Saúde, não pode simplesmente dirigir-se ao consultório. Terá primeiro de obter uma referênciação pelo médico de família, ou médico assistente, para que o dentista tenha acesso a todas as informações clínicas.

No caso de o dentista detectar um problema durante a consulta (como um cancro oral, por exemplo), terá de passar a informação ao médico de família e só através deste é que o utente poderá ser referenciado para um hospital.



Abrir portas onde se erguem muros

Director: Manuel Carvalho Sexta-feira, 19 de Agosto de 2022 • Ano XXXIII • n.º 11.800 • Diário • Ed. Lisboa • Assinaturas 808 200 095 • 2€

Público

Entrevista
Ludmila Ulitskaya teme pelo futuro da cultura russa

House of the Dragon
A série que regressa à Guerra dos Tronos aterra num mundo diferente

Ípsilon

Crianças sem vaga nas IPSS só vão ter creche grátis no privado em Janeiro

Governo iniciou negociações com as creches privadas, mas solução não vai chegar já em Setembro

Gradualmente, a partir de 1 de Setembro, as creches em Portugal passam a ser gratuitas, independentemente do

rendimento das famílias. A medida começa por abranger as crianças que tenham nascido após Setembro de

2021. Mas depois de muitas críticas de que o plano ia deixar de fora parte das crianças por falta de vagas suficientes

no sector social, o Governo anunciou há dias que haverá resposta no privado. Esta possibilidade, contudo, só se

concretizará a partir de Janeiro. Até lá, quem tiver de recorrer ao privado tem mesmo de pagar **Sociedade, 14**



Guerra na Ucrânia
Zelensky disse a Erdogan que só negocia com russos se saírem do país

Mundo, 22

Centros de saúde
Oito em cada dez dentistas do SNS trabalham a recibos verdes

Só há 145 dentistas nos centros de saúde e 120 são precários, "alguns há 30 anos" Destaque, 2 a 4

Reportagem
"UNITA está mais forte, mas ganha o MPLA. Estão na mente do povo"

Angola prepara-se para as eleições Do nosso enviado, António Rodrigues, em Luanda Mundo, 20/21

Banca
Três anos depois de nascer, Banco de Empresas Montepio acaba

Projecto lançado pelo ex-presidente Carlos Tavares vai ser absorvido pelo Banco Montepio Economia, 24/25

EUROMILHÕES
A criar excêntricos de um dia para o outro

ESTA SEXTA-FEIRA

77 MILHÕES

JOGOS
SANTACASA

GRUPO DE EMPRESAS MONTÉPIO E O JOGOSANTACASA.PT